

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Escola de Comunicação e Artes – Departamento de Artes Plásticas

Nua sim, crua não

Alice da Silva Seixas

São Paulo,
2023

Nua sim, crua não

Alice da Silva Seixas

Orientador: Prof. Dr. Luiz Claudio Mubarac

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como um dos
requisitos para a obtenção do
bacharelado em Artes Visuais na
Escola de Comunicação e Artes
da Universidade de São Paulo.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marco Francesco Buti

Dra. Paula Escobar Gabbai

Nua sim, crua não

Resumo: Neste trabalho se misturam a autodescoberta e o fazer artístico, através de produções inspiradas por processos terapêuticos. Entre textos e imagens, questiono a minha materialidade corporal, meus desejos, necessidades, a minha relação com o outro, com a arte e minha espiritualidade. Este livro digital apresenta onze produções artísticas, que tecem uma narrativa autobiográfica, registradas no período entre 18 de julho de 2022 e 4 de janeiro de 2023. Giz pasteis oleosos e carvão foram usados repetidas vezes, ora misturados com colagens, ora misturados com tinta óleo ou caneta hidrográfica, e sempre sobre o mesmo papel de 90cmx60cm, gramatura de 180g e margens escuras.

Palavras-chave: Arte terapia; Personalidade Limítrofe; Borderline

A você. Esse trabalho só é porque nós somos.

Introdução

“Nua sim, crua não.” Forçar-se a destilar os sentimentos pode ser uma tarefa árdua, assim como sempre foi, para mim, produzir artisticamente. Um trabalho árduo e necessário, a autodescoberta e o fazer artístico aqui, se originam da mesma massa informe e da necessidade de dar contornos (apenas o suficiente) sem a eterna busca de representar ou comunicar algo polido, tendo como objetivo o próprio processo criativo, desconfortavelmente íntimo e incontrolavelmente autobiográfico. Um misto de textos e imagens, este livro é mais do que o registro de um processo terapêutico, é a reconstituição narrativa autobiográfica - muitas vezes caótica - de um corpo que tenta condensar artisticamente uma mente que busca seu lugar num mundo hostil a seu transtorno de personalidade limítrofe.

O fazer artístico tenta se sistematizar em uma produção partindo dos desdobramentos de algum processo terapêutico mobilizante. O processo terapêutico aqui consiste em buscar desvendar conflitos que causem sofrimento, muitas vezes se traduzindo na percepção crítica dos padrões de repetições e sintomas do meu transtorno de personalidade. Assim, como o transtorno de personalidade limítrofe sugere, esse livro tem contornos fluidos, como uma membrana semipermeável, e não se limita, construindo-se adaptativamente ao redor das necessidades de autocompreensão e autoexpressão da minha pessoalidade.

Inicialmente atado às sessões de terapia, logo processos terapêuticos de diversas naturezas começam a se apresentar e a ocupar esse livro, partindo de fermentações de ideias catalisadoras ou narrativas reflexivas catárticas. Sem a intenção de uma produção consistente temporal ou esteticamente, essa narrativa biográfica acaba por formar-se como por si só, ainda que integralmente envolvida na minha subjetividade. Intervalos de tempo entre as produções acabaram por refletir a mudança, ou o desenvolvimento do intento, projeto e fim, resultando na variação de representação, cada vez mais subjetiva.

Abraçando a contradição da minha própria proposta, no desenvolvimento deste livro apoios emocionais foram sendo descobertos na incontrolável busca, ainda que inconsciente, por um ambiente um pouco mais confortável para que

as reverberações de questões internas não fossem extremamente violentas a mim mesma. Cabe explicar os caminhos descobertos e adotados no processo de criação.

Pode-se observar um contexto apoiado na arte tradicional, com repetidos usos de giz pasteis oleosos e carvão, sobre papeis de 90cmx60cm, de gramatura de 180g e margens escuras. O processo por muitas vezes se encontrou ainda no desenvolvimento dos desenhos, a partir de questionamentos provindos de processos terapêuticos em primeiro lugar, e em segundo a procura de imagens, frases ou palavras em mídia impressa. Essa ordem foi estabelecida pela importância de que as referências externas não tivessem mais voz no trabalho que as representações pessoais.

18 de julho de 2022.

“Autorretrato”

Sendo impelida na sessão a construir uma representação do “eu”, me debato com a insuficiência da forma. Me dou conta sobre a névoa que eu enxergo meu corpo, com limites mal delimitados e materialidade permeável. A forma me diz pouco ou quase nada, meu reflexo nunca pareceu de fato me abrigar. Minha autoimagem é construída sobre uma eterna metamorfose que excede meus limites. Com contornos que se esvaem e esfriam, abrigando fugazmente um núcleo que esquenta até queimar. Com mãos que se multiplicam para serem úteis, que existem por si só. Barulho, sorriso sem forma e amor descompassado, câncer, a campeã da angústia oferece um lugar no estômago em fogo para nunca deixar ir embora.

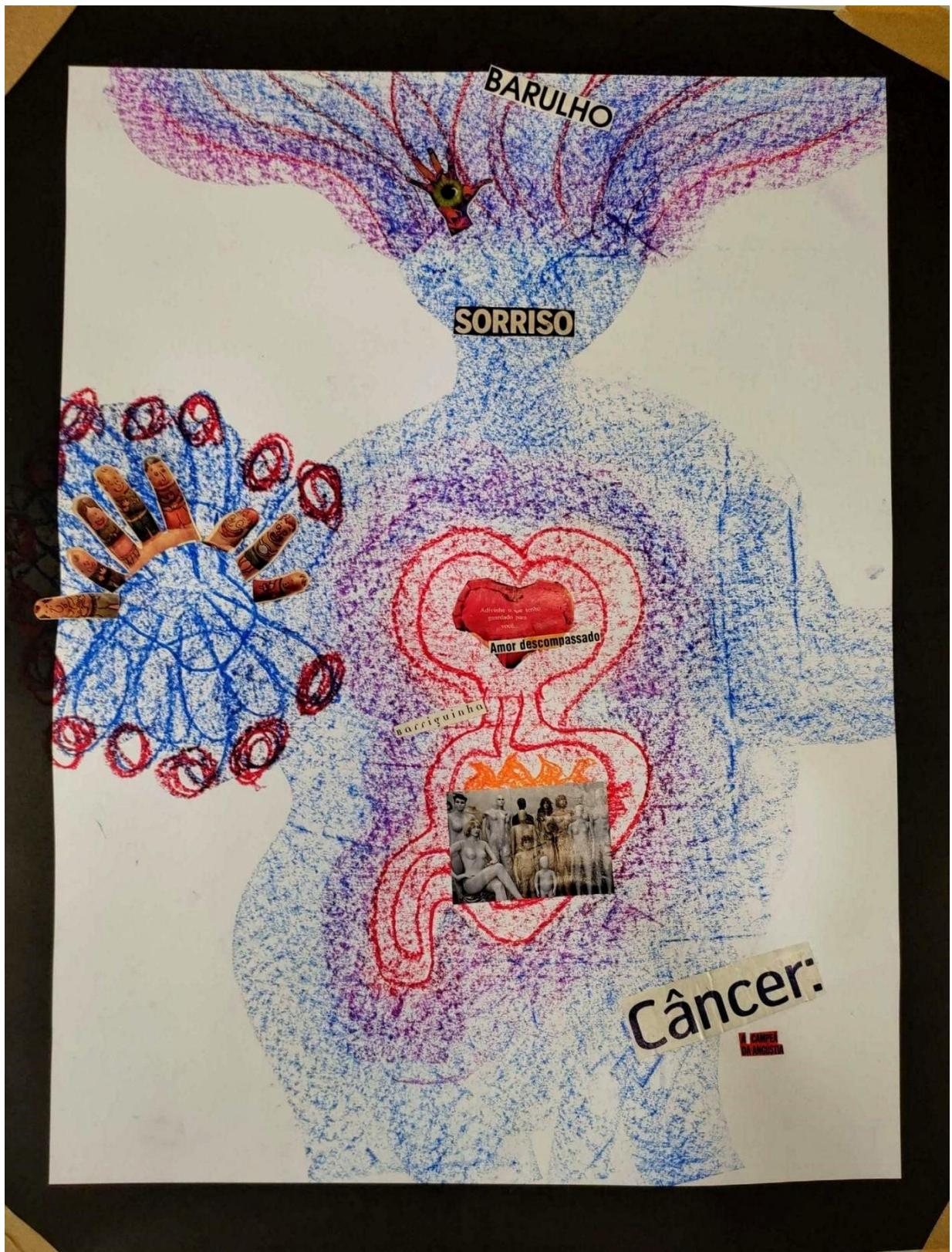
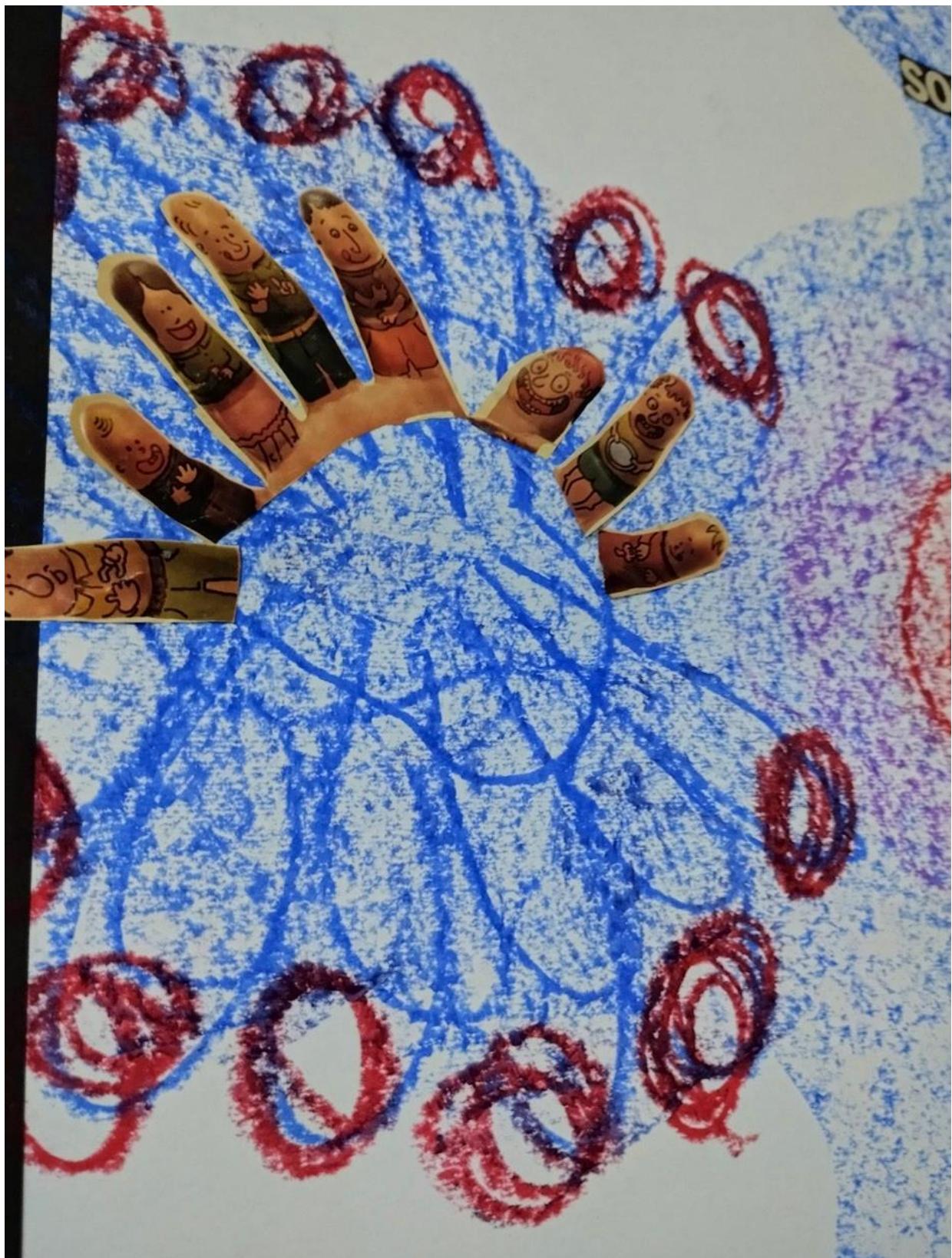


Imagen 1: "Autorretrato"
Giz pastel oleoso e colagens sobre papel



*Imagen 2: Detalhes de “Autorretrato”
Giz pastel oleoso e colagens sobre papel*



*Imagen 3: Detalhes de “Autorretrato”
Giz pastel oleoso e colagens sobre papel*

25 de julho de 2022.

“Toque”

Depois do eu, o outro e suas pontes. Com o início de um novo relacionamento vêm o começo tardio de uma jornada sobre pele, contato e sobre amor. Desde muito cedo as interações interpessoais foram problemáticas, insuficientes, invasivas e ofensivas por fim. A primeira e as seguintes infâncias sem muitos toques, a construção de uma carapaça, a única coisa que me envolvia. Com as relações amorosas um impasse: a obrigatoriedade do toque como manutenção de afeto e a dissociação corporal necessária para evitar a queimadura emocional de uma outra pele me atingindo. Quando a ideia de um tocar confortável já me parecia impossível: um novo amor extraordinário e suas transformações espetaculares.

“Toque”

Antes os limites borrados invadiam e inflamavam. As pontas de encontro ameaçavam trincar, como se eu fosse de porcelana. E oca. O meu eu diminuto, um núcleo implosivo, me debatendo contra os contornos. Uma atmosfera nebulosa. Espinha. Ombros. Nuca. Uma semi agonia engolida, o não pertencer aos poros. O caos de se fragmentar ainda mais uma vez e eternamente e para quê?

Mas quando me toca me sinto expandir até minhas margens. Estou presente. Suavemente acolhendo meus arredores para que tudo que sou possa ir de encontro a você. Mesmo que ameace derreter sob sua pele, me preencho. Matéria viva aveludada, impermeável, refúgio. A fome de ser envolta em ti por todos os lados é tão intensa que nem desespera. O repouso me alcança de guarda baixa, todas as paredes feitas em portas. Então me abrigo nas extremidades do eu e você.

01 de agosto de 2022.

“Não quero representar nada”

Explorando as respostas - majoritariamente negativas - do contato do meu corpo com outros corpos e materialidades, sou convidada a usá-lo como ferramenta artística. Num acesso pouco polido e catártico me cubro de tinta e ataco a tela como me sinto atacada constantemente por quem me oferece algum contato. A resolução visual é composta ainda por resquícios de sensações extracorpóreas que repetem minha declaração, controversa em si mesma, como artista: “Não quero representar nada. Eu sou minha própria invenção”.

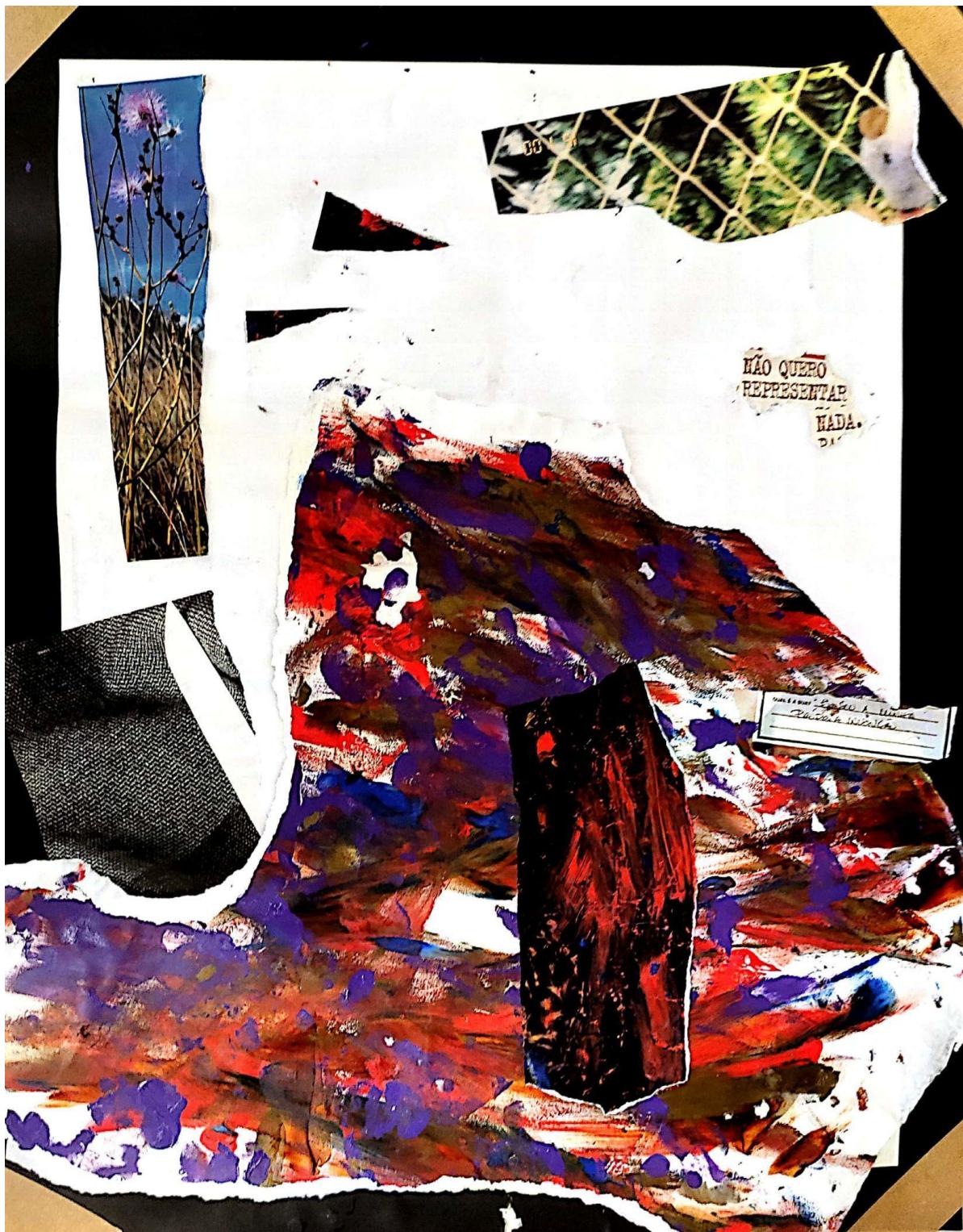


Imagen 4: "Não quero representar nada"
Colagem e tinta óleo sobre papel



*Imagen 5: Detalhes de “Não quero representar nada”
Colagem e tinta óleo sobre papel*

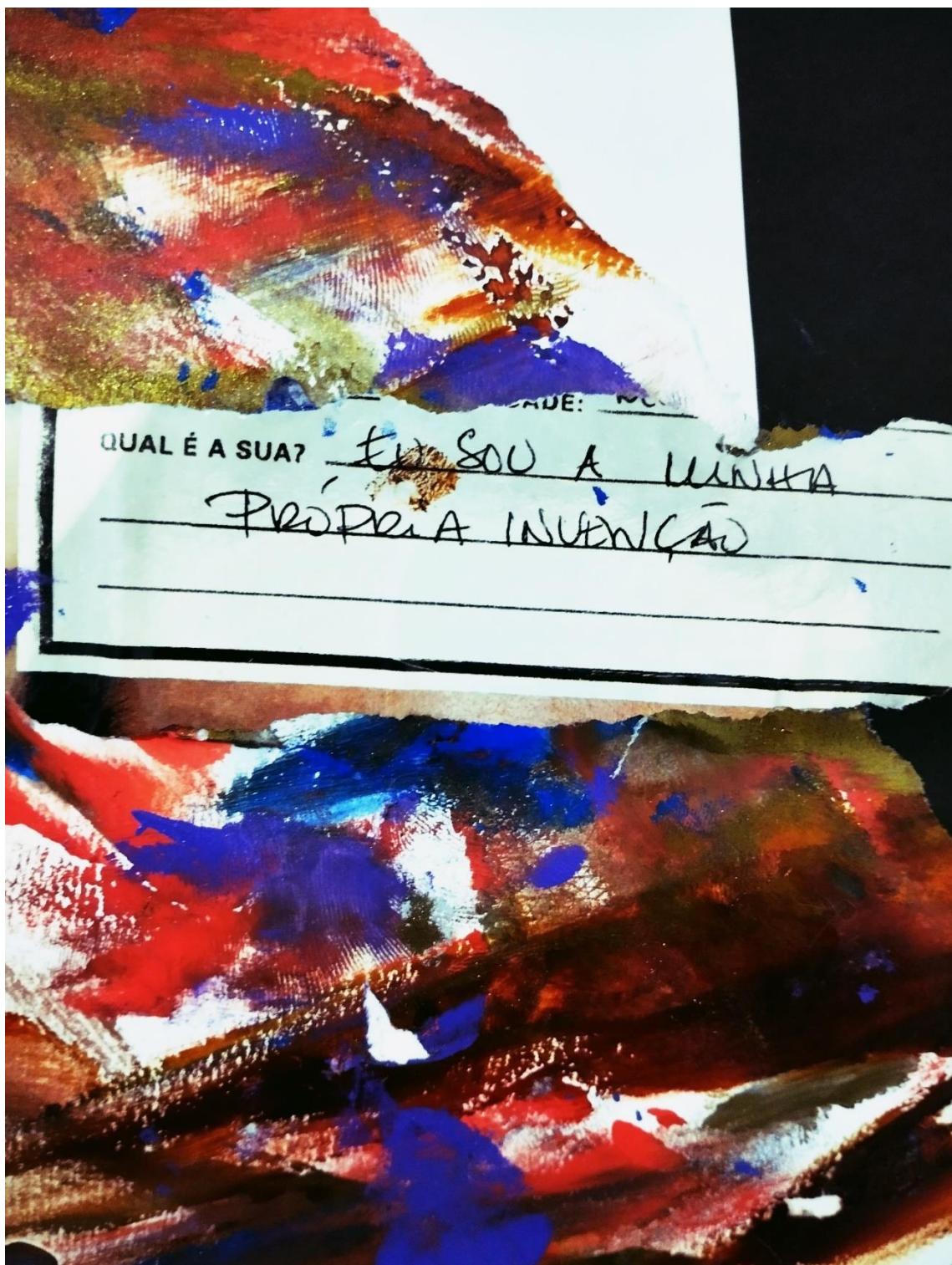


Imagen 6: Detalhes de “Não quero representar nada”
Colagem e tinta óleo sobre papel

15 de agosto de 2022.

“Espinho”

Confrontando em sessão as origens do desespero que sempre permeia minhas grandes paixões, revisito a infância e o prematuro desligamento do seio materno. O início do anseio quase selvagem, inerente à carne, por algo ainda não explorado. A herança do primeiro e eterno abandono transformada em toda uma vida em busca do saciamento que sinto ser impossível: o alcance paliativo de um cuidado absoluto. Os desdobramentos desse trauma-espinha-dorsal estruturando minha (limítrofe) personalidade.

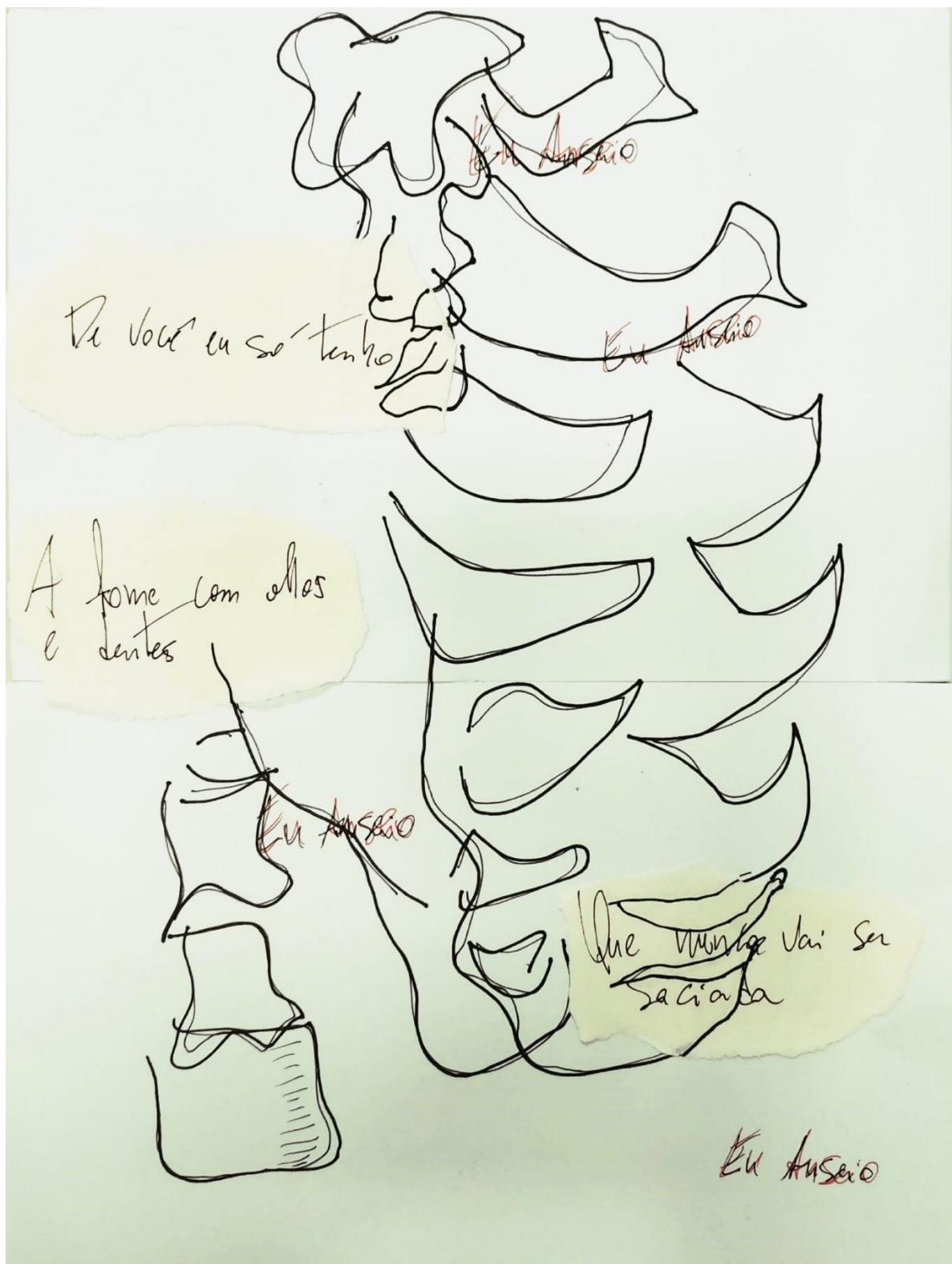


Imagen 7: “Espinho”
Caneta hidrográfica e grampos sobre papeis

29 de agosto de 2022.

“Espiritalidade”

Resgatada durante a semana do semi surto da não existência pelo olhar gentil da minha companheira, surgem as questões sobre o amor além da carne. A espiritualidade que eu pareço apenas explorar dentro de uma relação interpessoal de intimidade, como se o me aproximar de um segundo corpo refletisse a minha presença neste mundo além da materialidade. A necessidade de me sentir presente e parte de algo maior, de ser tocada pelo que me faz sentir mais que animal, e o ato de focalizar a resposta em afeto, sem me perder em expansão emocional e descontrole no processo, é o significado de espiritualidade.

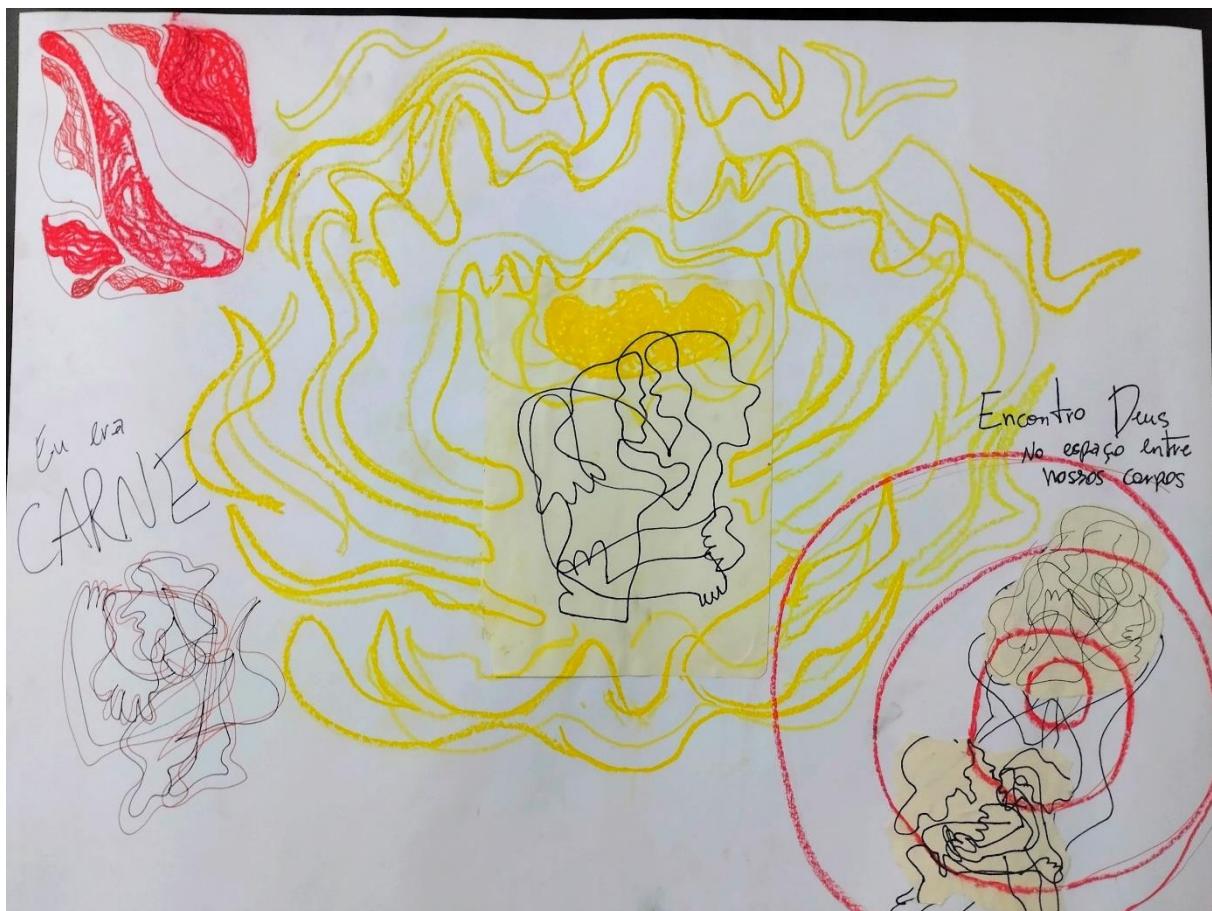


Imagen 8: “Espiritalidade”
Caneta hidrográfica e giz pastel oleoso sobre papeis



Imagen 9: Detalhes de “Espiritalidade”
Caneta hidrográfica e giz pastel oleoso sobre papeis

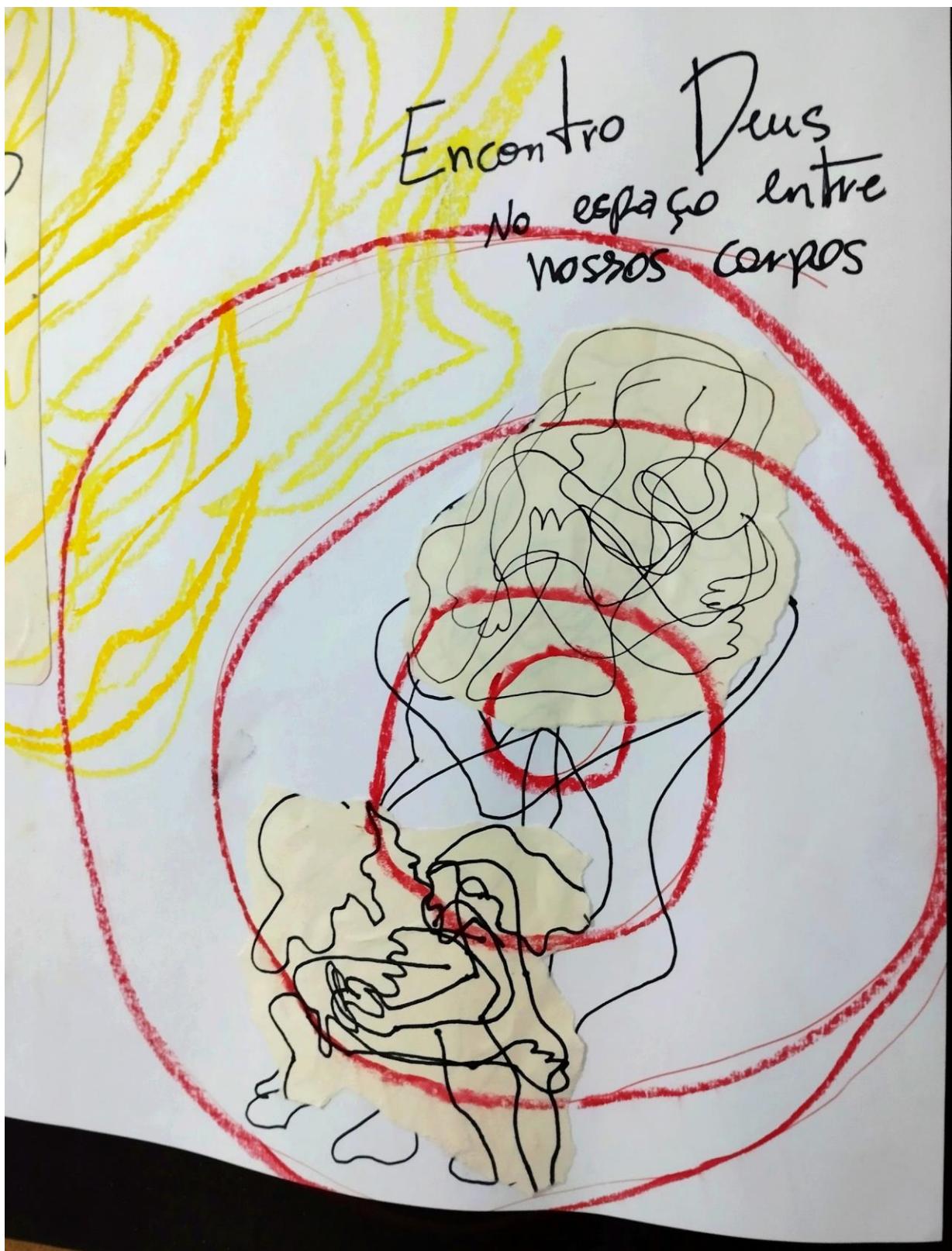


Imagen 10: Detalhes de “Espiritalidade”
Caneta hidrográfica e giz pastel oleoso sobre papeis

06 de outubro 2022.

“Sem título”

Eu tento explicar meu repetitivo ciclo de tentar me explicar, não ser compreendida e me ater ao lugar de semi compreensão do outro. Esse quase lugar que nunca me cabe, nunca é feito realmente para mim e aumenta a distância entre quem eu sinto ser e quem eu suporto ser. (Um dos obstáculos que dificultam a criação da autoimagem do indivíduo com borderline). Trazer esse vício de comunicação falha para a arte é incontrolável, mas percebo que não me causa tanto sofrimento... não busco o entendimento porque já parto do fato que a total compreensão do resultado da arte não existe. A meia compreensão do artista e a meia compreensão do público nunca vão se encontrar e a arte está nesse espaço. Partir disso me desperta um prazer único do deixar dito algo que não tem como objetivo ser compreendido. Fazer arte é também uma rebeldia, de quem nunca consegue se fazer entender, não tentar para variar e o resultado dessa incompreensão não é limitante, mas ao contrário, é a liberdade integral.

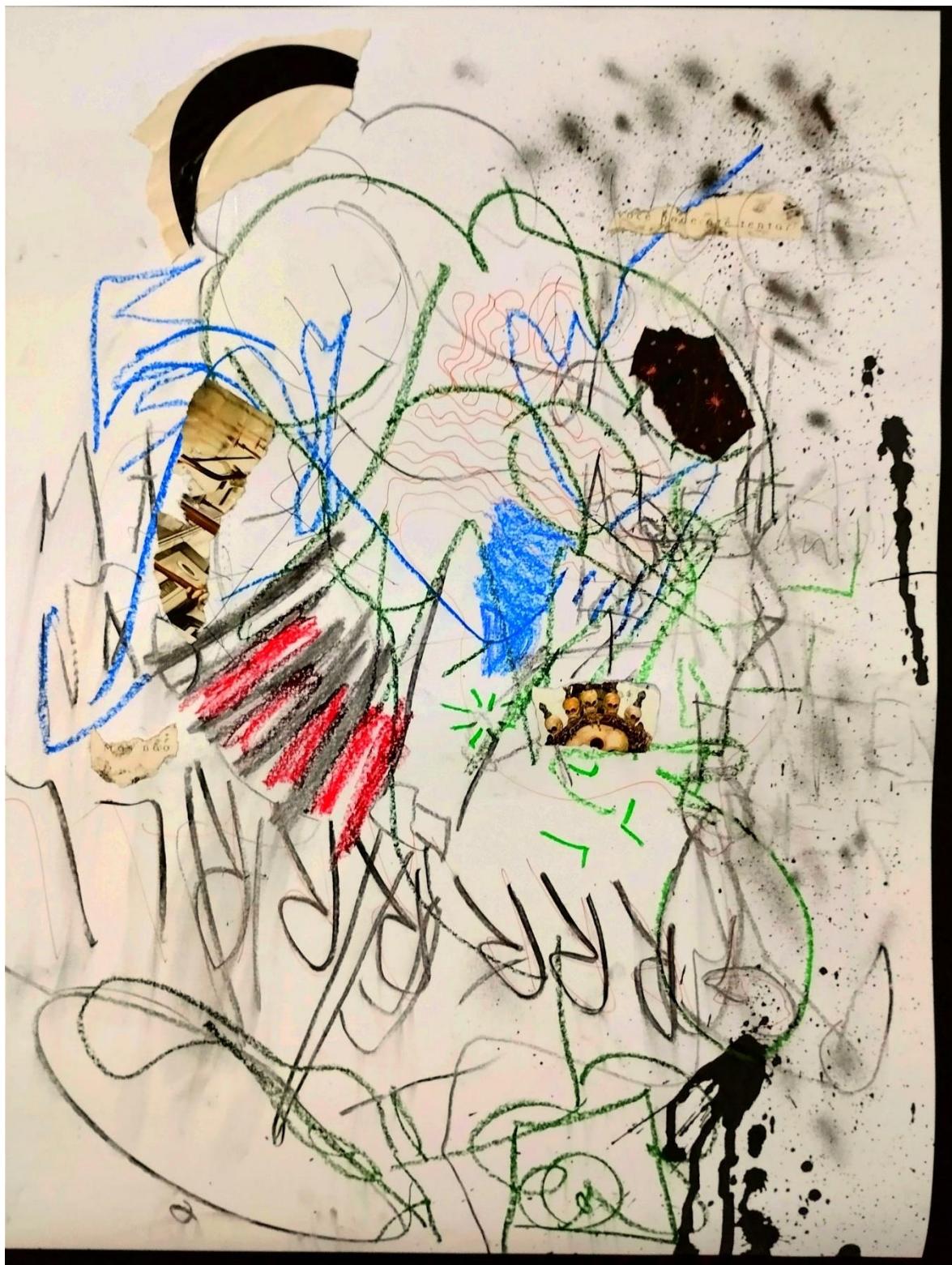


Imagen 11: "Sem título"
Giz pastel oleoso, nanquim, carvão e colagens sobre papel



*Imagen 12: Detalhes de “Sem título”
Giz pastel oleoso, nanquim, carvão e colagens sobre papel*



Imagen 13: "Sem título"
Giz pastel oleoso, nanquim, carvão e colagens sobre papel

13 de outubro de 2022.

“Presa Primitiva”

Sempre me entregando aos altos e baixos para fugir da morte da estabilidade, meu afeto se prova eficaz em me levar do paraíso ao inferno em um curtíssimo período de tempo. É o que me mantém. Ser presa e predador neste jogo instintivo de me relacionar. A entrega angustiante e a espera do golpe que vem mais cedo ou mais tarde. O retorno ao carnal, o abate. O orgulho de mesmo cativa continuar indomável.



Imagen 14: "Presa Primitiva"
Giz pastel oleoso, caneta hidrográfica e colagem sobre papel



Imagen 15: Detalhes de “Presa Primitiva”
Giz pastel oleoso, caneta hidrográfica e colagem sobre papel

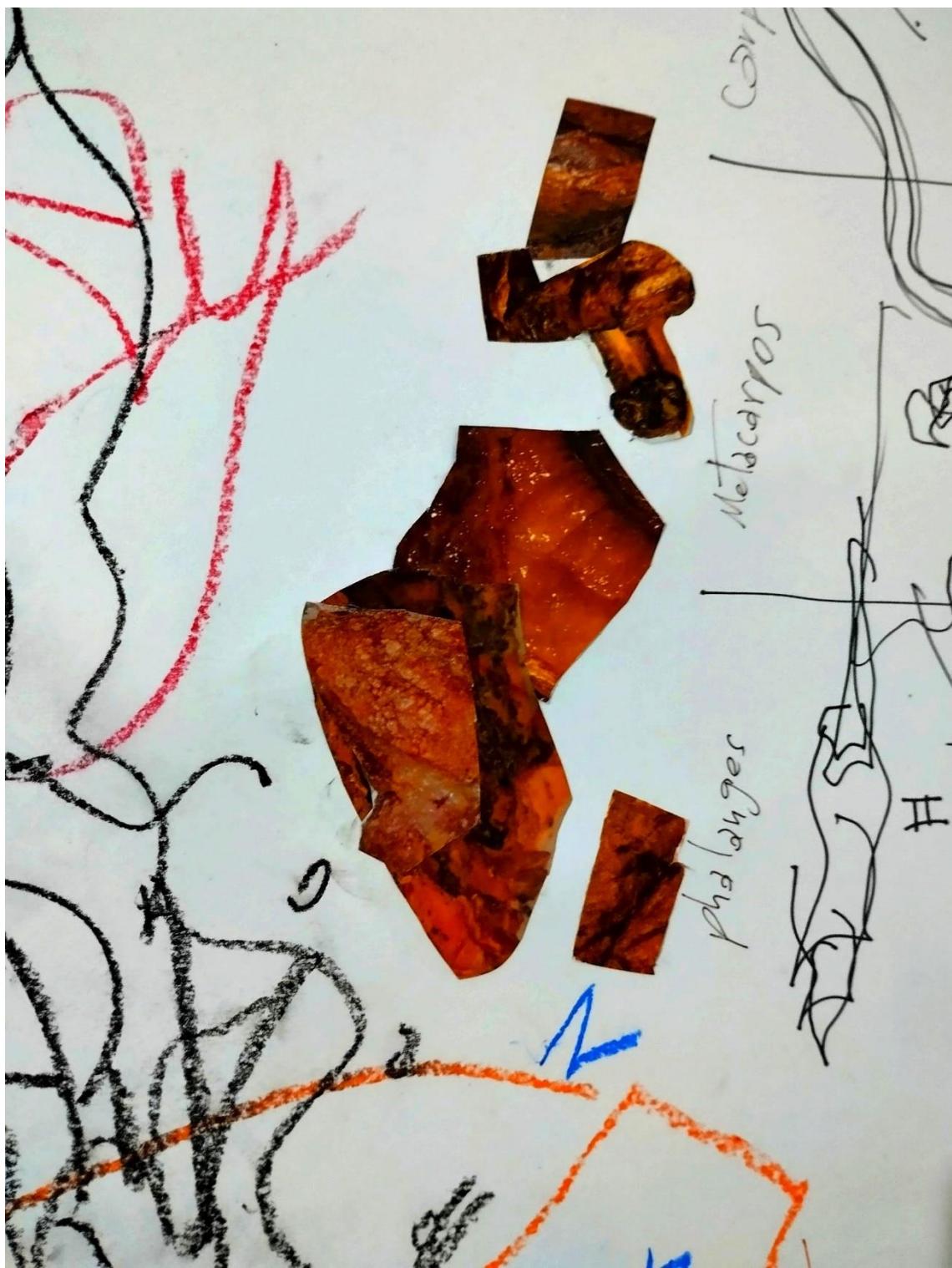


Imagen 16: Detalhes de “Presa Primitiva”
Giz pastel oleoso, caneta hidrográfica e colagem sobre papel

27 de outubro de 2022.

“Pulgas”

Me debatendo com a insistente necessidade da inércia, muito maior que o respeitável para um adulto funcional, me vejo cercada por um limbo. Agarrada à parede intransponível do que preciso e não consigo. O comportamento cíclico de altos e baixos se apresenta mais uma vez, e em queda, observo todas as falsas seguranças se chocarem com minha falta de tato, meus lapsos e irregularidades. A disfuncionalidade natural do borderline ocupando cada mínimo espaço e se replicando como praga, até tomar toda a propriedade e expulsar qualquer outra presença. As explicações biológicas que apresentam pouco ou nenhum conforto de um hipocampo em constante estado de hiperexcitação, descoordenado e disfuncional, transmitindo mensagens defeituosas à amígdala. Um recorte que nunca se torna mais fácil de engolir com extremidades pontiagudas e espinhosas, cercando e protegendo um núcleo de extrema vulnerabilidade.



Imagen 17: "Pulgas"
Giz pastel oleoso e colagem sobre papel

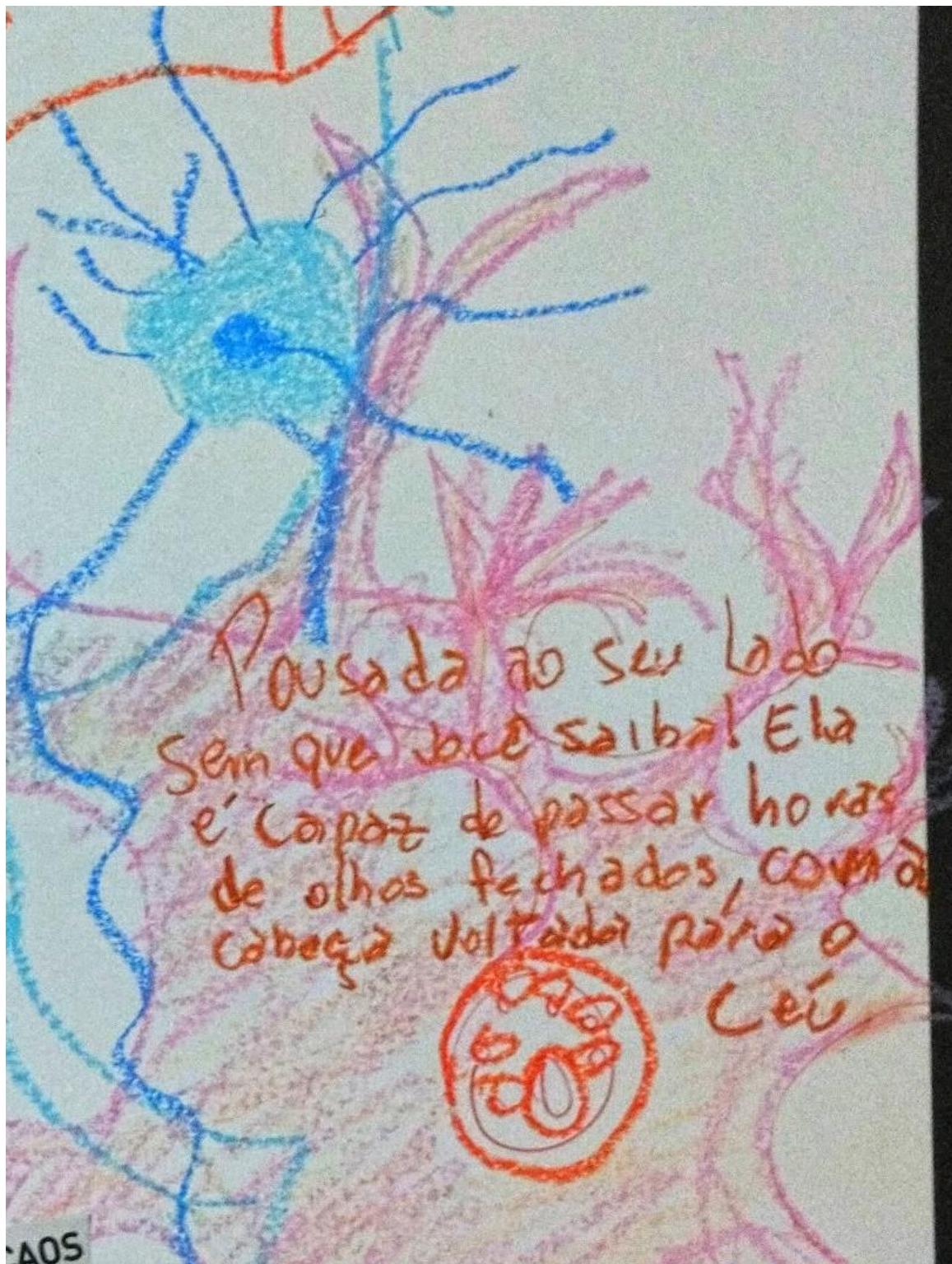


Imagem 18: "Pulgas"
Giz pastel oleoso e colagem sobre papel

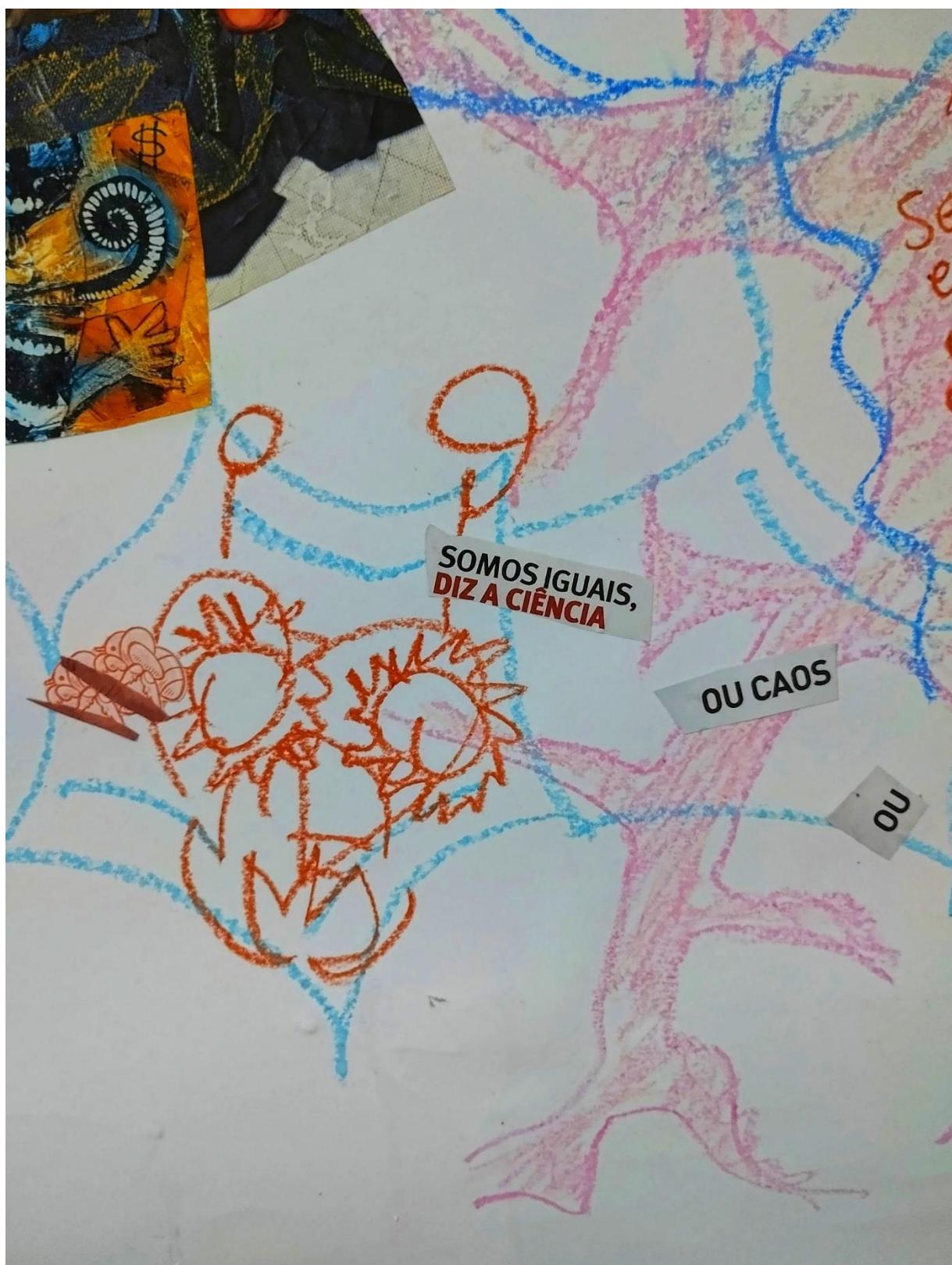


Imagen 19: Detalhes de “Pulgas”
Giz pastel oleoso e colagem sobre papel



*Imagen 20: Detalhes de “Pulgas”
Giz pastel oleoso e colagem sobre papel*

04 de janeiro de 2023.

“Imersão”

Uma junção de pequenos super intensos sentimentos em imagens. Ser acolhida, no final, não tem a ver com ser cercada, mas com fazer liga. Entremear. Todas as sensações arrebatadoras e desconcertantes parecem ser tudo, mas os fins também são feitos de detalhes. Os detalhes também podem ser enormes, desconcertantes, tomar conta de todo o ser e ainda permanecer. Uma pilha de pequenos excessos, de explosões detalhadas e de cuidado. Agora parece ser necessário ainda mais cuidado, mesmo que já não se sinta estar no abismo. Não parece necessário a intervenção de fora, posso dizer tudo que preciso. E talvez por um tempo, o silêncio.

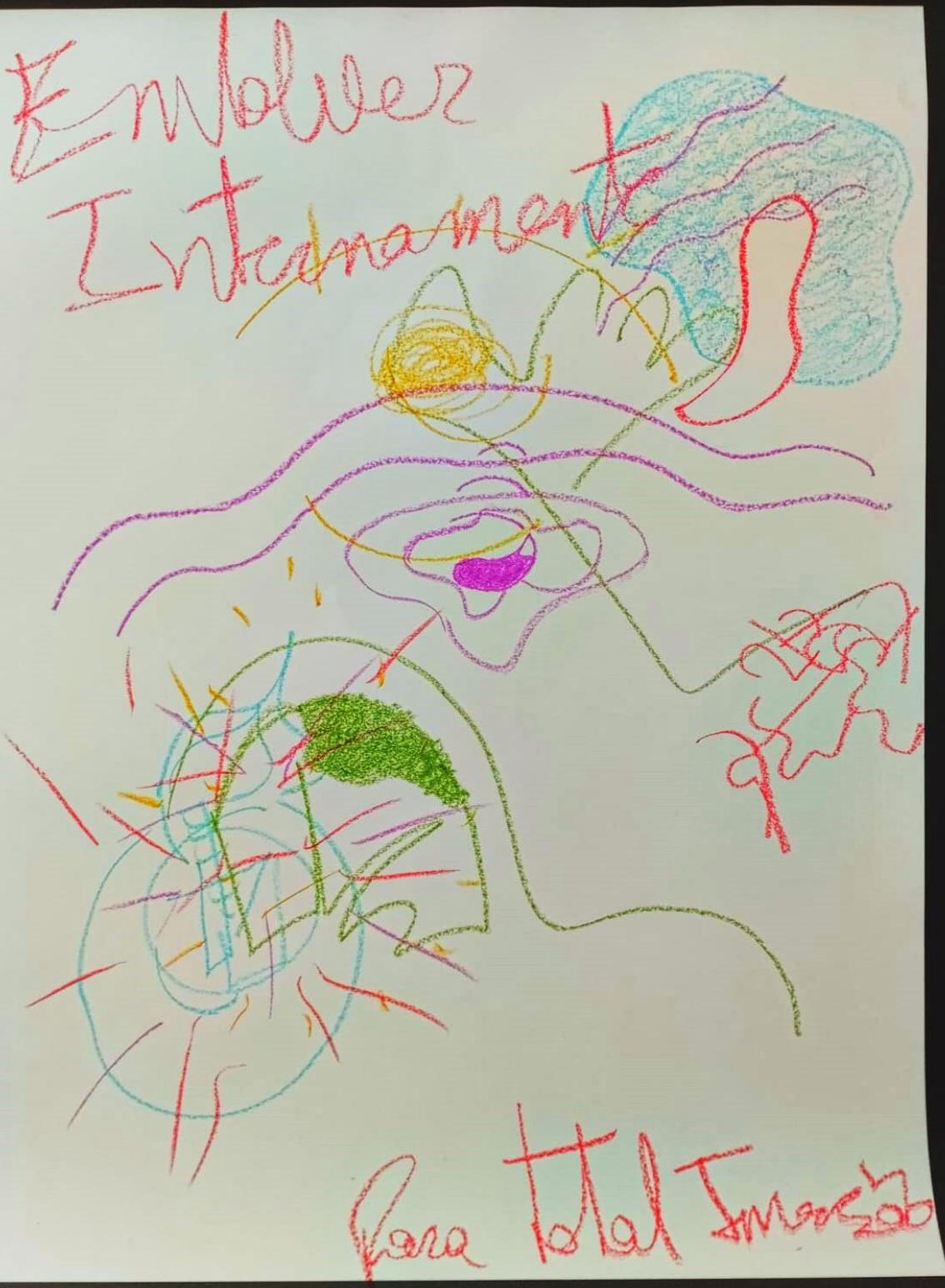
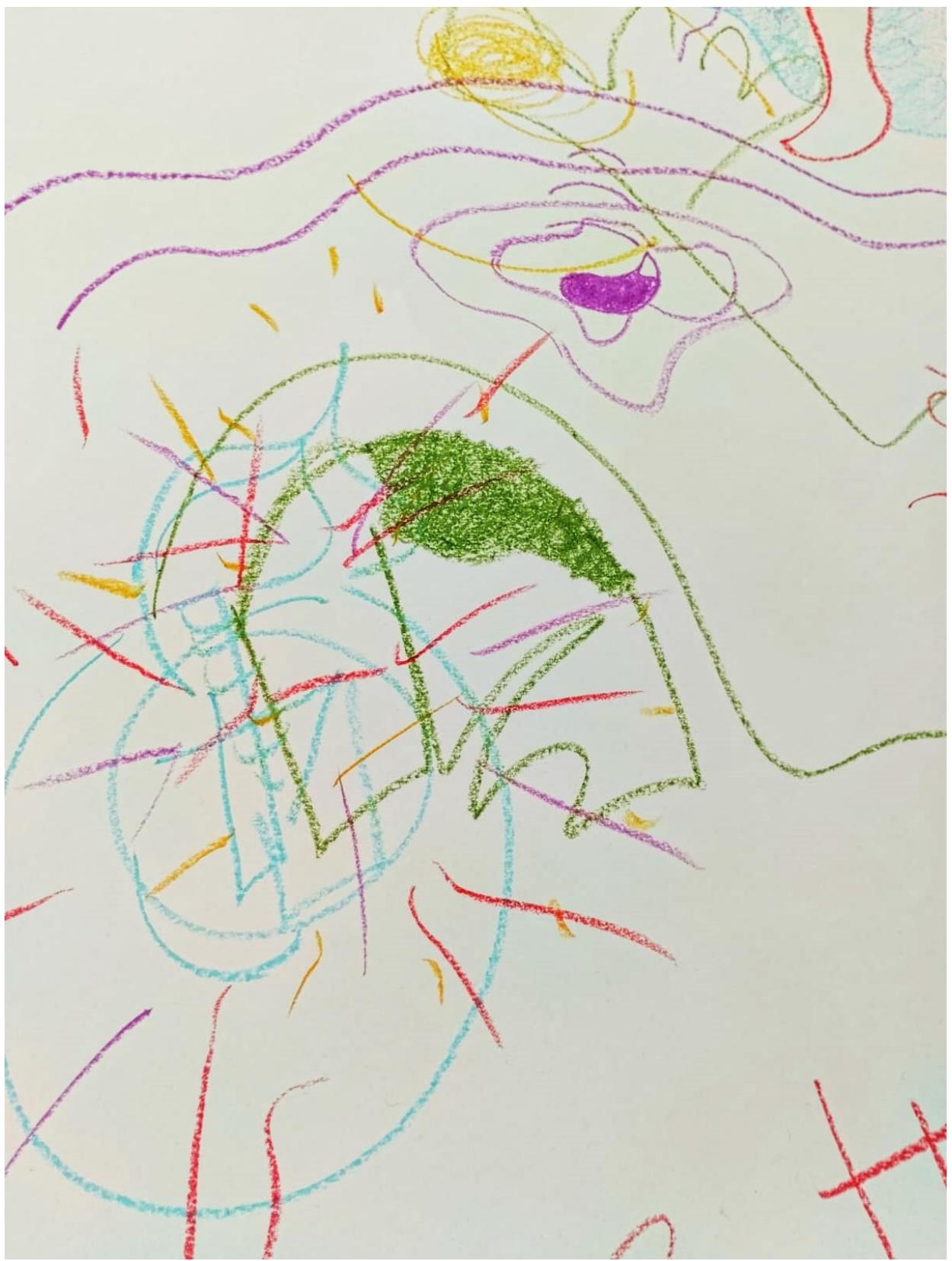
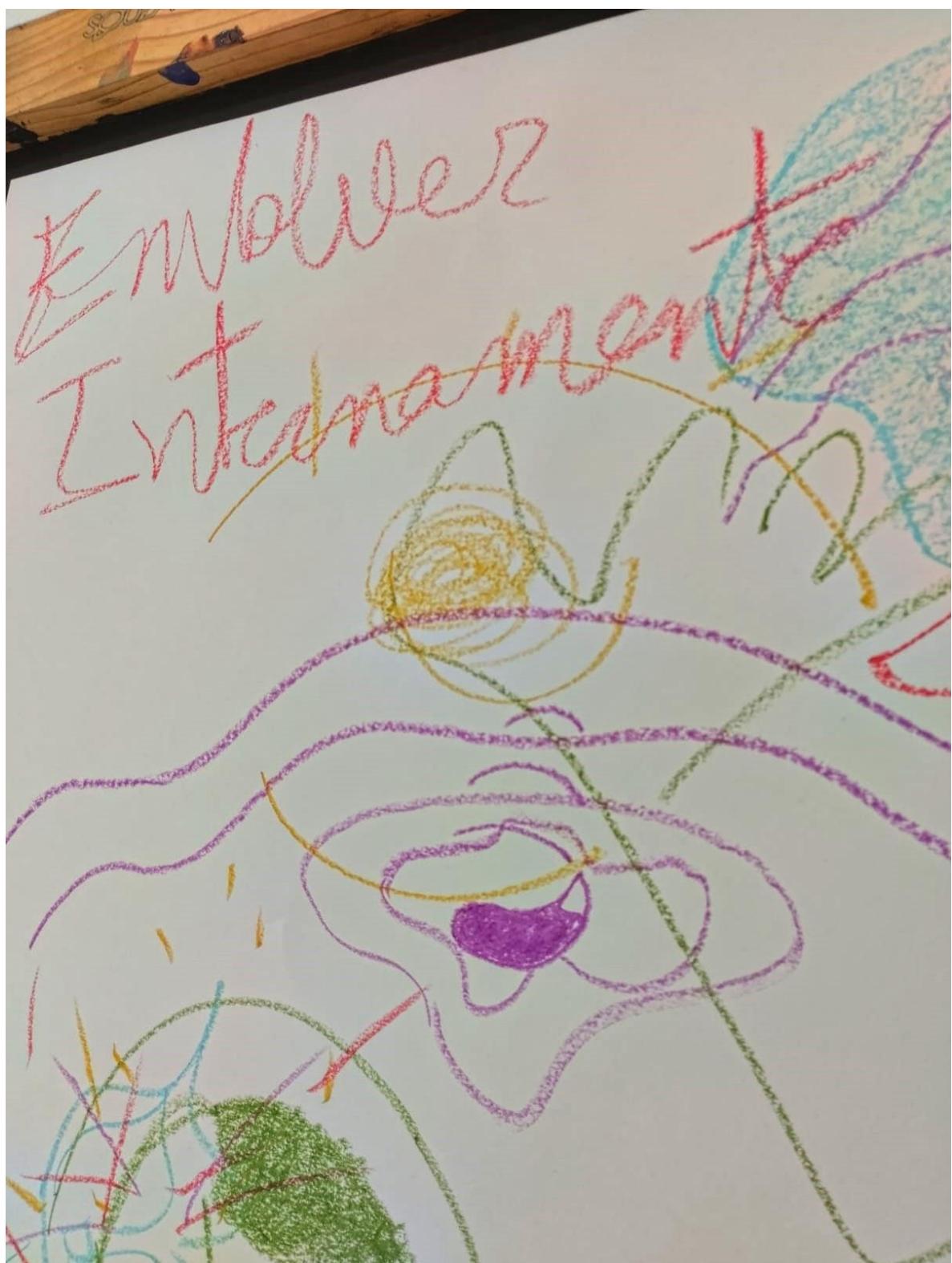


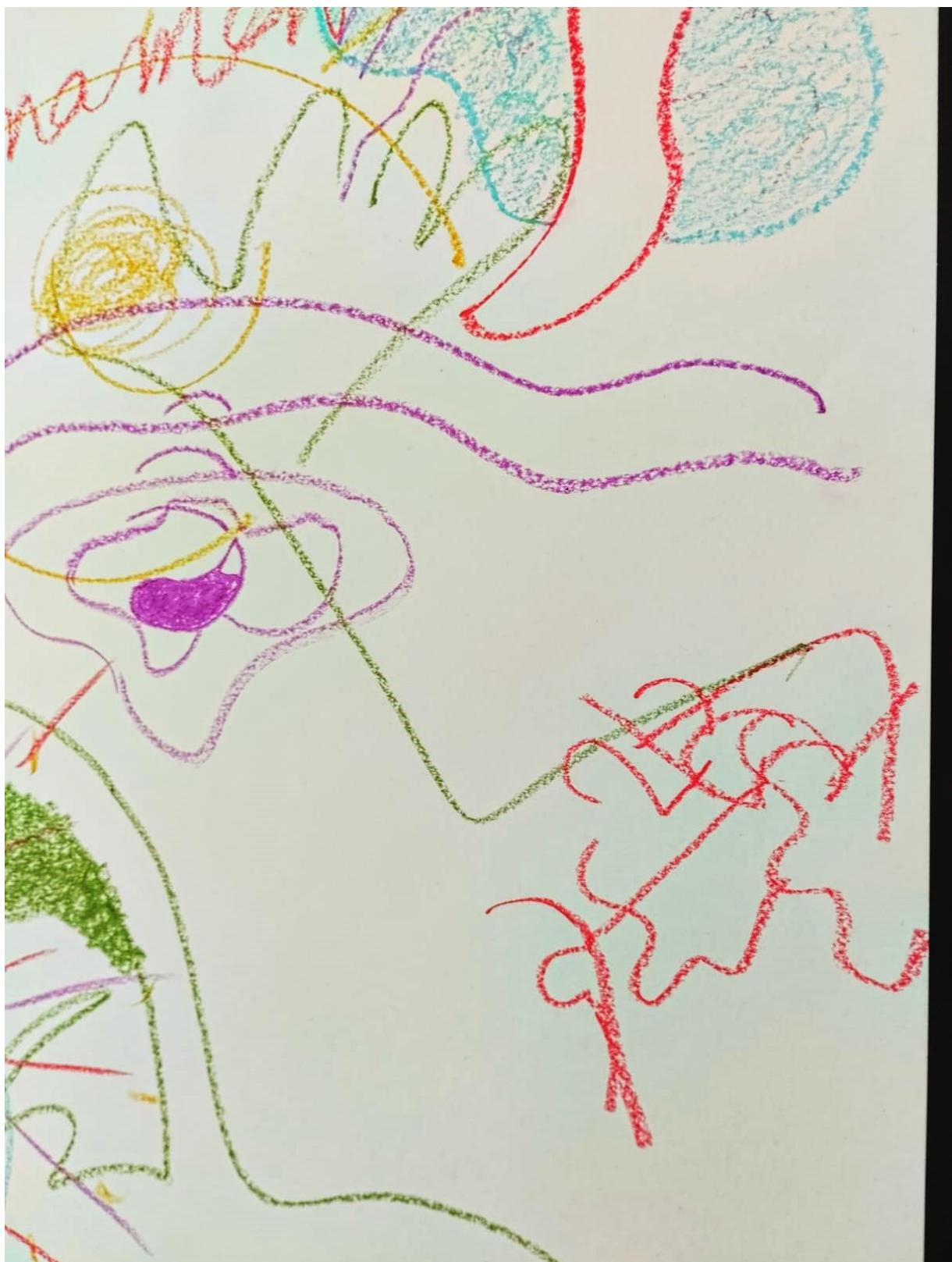
Imagen 21: "Imersão"
Giz pastel oleoso sobre papel



*Imagen 22: Detalhes de “Imersão”
Giz pastel oleoso sobre papel*



*Imagen 23: Detalhes de “Imersão”
Giz pastel oleoso sobre papel*



*Imagen 24: Detalhes de "Imersão"
Giz pastel oleoso sobre papel*